Resenha bibliográfica

Alencar, Eunice Soriano de. *Psicologia da criatividade.* Porto Alegre, Artes Médicas, 1986, 85 p.

Assunto pelo qual a autora sempre demonstrou preocupação e interesse — e sobretudo domínio e conhecimento — aparece agora em forma de livro: a criatividade.

É uma pertinente atualização do assunto, mostrando a contribuição de pessoas, sobretudo psicólogos, como também o que vai sendo feito e estudado através do mundo.

Por ser a matéria também paixão do resenhador, foi com avidez que lemos o livro. E não houve decepção. Antes, pelo contrário: satisfação e entusiasmo. Uma oportuna contribuição para o Brasil, de vez que pouca coisa temos em português.

Conforme é habitual na autora, seu livro abrange todos os patamares do tema. Ademais, há sempre uma espontaneidade, o *à vontade* ao tratar do assunto, que torna a leitura leve, agradável e instrutiva. Outrossim, a ordenação da matéria torna o livro pedagógico. Não se trata de caracterizá-lo banalmente como livro didático, porque poderia parecer obra de texto escolar. Não é isso, embora seja também excelente para as escolas.

No começo, já faz ligeiro histórico, assinalando a década de 50 como a inicial do interesse crescente pela criatividade, o que a autora atribui à ascensão de Movimento Humanístico na psicologia. Apresenta várias definições de criatividade, criticando umas, ampliando outras. Um estudo pormenorizado define a personalidade criadora e faz a operacionalização do processo criativo.

A ligação entre cognição e criatividade é destacada, dando-se crédito a Guilford, Torrance, Kogan e outros, principalmente pela dedicação que os dois primeiros deram à fluência, flexibilidade, originalidade e elaboração, para a produção do ato criativo. Aborda depois a contribuição psicanalista, com merecido destaque para Kris. Também Kubie é citado. Ainda é mostrada a contribuição da gestalt e da psicologia humanista. O papel dos hemisférios cerebrais é abordado com segurança; também as influências sociais e do ambiente familiar constituem contribuição valiosa e muito esclarecedora.

Na abordagem humanística há uma citação de Rogers que provoca reflexões. Ele acredita "que a criatividade construtiva ocorre apenas em uma pessoa saudável psicologicamente". Permitimo-nos perguntar: e Van Gogh? E Nijinski? E Dostoievski? Todos os três, casos mais de nuanças psiquiátricas. Mas, e O'Neil, ex-alcoólatra, suicida fracassado, mortificado por sérios pro-

blemas psicológicos, e que até hoje é o unico dramaturgo norte-americano que ganhou merecidamente o Prêmio Nobel de Literatura? (Dissemos dramaturgo e não romancista.)

O ensino e o treinamento da criatividade ocupam posição especial no livro. Há uma apreciação comparada, mostrando o que se faz em vários países: URSS, EUA, Japão e Brasil. A do Japão é empolgante, a do Brasil entristecedora. Vemos que não somos antípodas do Japão apenas geograficamente, mas também no ensino da criatividade. Lá, empregam os mais inteligentes, sofisticados e funcionais métodos para desenvolver o ato criador; aqui, não se faz nada. Pelo contrário, a autora denuncia as atuações que, disfarçadamente, vão reprimindo o aluno em suas iniciativas.

Essa parte do livro, em que a Profª Eunice focaliza a escola brasileira, com observações hauridas através de pesquisas, é ponto elevado e causticante, com críticas veementes a nosso sistema escolar, onde o menino deve ser mero repetidor do professor e nunca criador. Bonzinho... bem-comportado...

Assunto muito importante para nós é a abordagem relativa a testes de criatividade. Como bem observa a autora, não há acordo entre os diferentes estudiosos do tema. Pessoalmente, estranhamos a não-indicação dos testes projetivos, mormente o Rorschach, como excelente avaliador do poder criativo. Na investigação que fizemos com atrizes, atores e diretores de teatro do Brasil, publicada nesta revista no nº 4/62, encontramos no Rorschach um instrumento surpreendente de riqueza criativa; e o que é mais: uma distinção nítida entre o processo criador do ator e o do diretor. O Rorschach é composto, como se sabe, de manchas desestruturadas. Então a capacidade de o artista estruturar o caos — digamos assim — foi empolgante: originalidade, beleza, quantidade, detalhes. Causou-nos impressão, até silêncio de emoção, diante da qualidade artística de certas respostas.

Aliás, quem sabe se cada ramo de criatividade terá seu teste mais específico?

Uma outra questão, outra dúvida que mexe com quem estuda a criatividade: foi levantada há anos numa pesquisa encetada pelo ISOP, mas interrompida por motivos supervenientes. Uma catedrática (ainda existiam o nome e o cargo) de química, quando entrevistada para se fazer a profissiografia do cientista, negou categoricamente a existência de criatividade científica. Para ela o cientista apenas descobre *leis da natureza.* Assim Einstein, resolvendo seus problemas ao fazer a barba, ou Poincaré sonhando afinal soluções, após ruminâncias estéreis, diuturnamente, não estão fazendo criação.

Isto intriga. Perguntamos: será que criatividade não seria apenas a artística?

E algum dia a psicologia explicará satisfatoriamente o fenômeno da criatividade?

ATHAYDE RIBEIRO DA SILVA